

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA ESCOLA DO CAMPO

Eliane de Souza Silva
eliane.enaile@hotmail.com

Introdução

Nos últimos anos, as reflexões realizadas sobre a alfabetização têm mostrado que a aquisição da escrita é um processo complexo e multifacetado. Nesse processo, considera-se relevante estabelecer a articulação entre as dimensões técnica e sociocultural do aprendizado da escrita. A concepção de alfabetização que orienta o nosso estudo leva em consideração a especificidade do ensino da leitura e escrita – a aquisição do código alfabético –, bem como a valorização das práticas de letramento – as práticas sociais de leitura e escrita em seus diferentes contextos.

O objetivo central da pesquisa é analisar as práticas de alfabetização e letramento na disciplina de Língua Portuguesa desenvolvidas no 5º ano do ensino fundamental na Escola Rural Municipal Rosa Picheth, localizada no município de Araucária, Paraná, Brasil.

A pesquisa vincula-se ao projeto Observatório da Educação/CAPES/INEP – Modalidade em Rede, que foi aprovado pelo Edital nº 038/2010 e intitula-se “Realidade

das escolas do campo na região Sul do Brasil: diagnóstico e intervenção pedagógica com ênfase na alfabetização, letramento e formação de professores”.

Constata-se que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola investigada priorizam conteúdos que são muito distantes da prática social dos educandos, com ensino estruturalista e materiais didáticos que valorizam muito as relações urbanas e menosprezam os sujeitos do campo, fazendo com que se sintam inferiores ou discriminados. Frente a essas indagações e discussões, este trabalho está dividido da seguinte forma: 1) uma aliança entre alfabetização e letramento; 2) práticas pedagógicas que conciliam alfabetização e letramento; 3) considerações preliminares.

Uma aliança entre alfabetização e letramento

As discussões revelam o caráter multifacetado dos termos ‘alfabetização’ e ‘letramento’, bem como a reflexão necessária acerca do ensino e da aprendizagem do sistema alfabético e ortográfico, indicando que, no convívio de uma sociedade letrada, não basta somente o aprendizado da leitura e escrita, mas a utilização desse conhecimento nas práticas sociais, sobretudo porque o convívio com os diferentes suportes textuais já se faz presente em nosso dia a dia.

Na visão de Soares (2004, p. 14), dissociar alfabetização e letramento é um equívoco, visto que a inserção do sujeito no mundo da escrita ocorre simultaneamente por dois processos: pela “aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento”. A autora defende a alfabetização conciliando o letramento como decisivo para que os alunos aprendam a ler e escrever e, principalmente, para que lhes seja possível o uso social dessas habilidades. Aborda, ainda, que alfabetizar letrando é um constante desafio e requer um novo (re)pensar acerca do processo de ensino e aprendizagem das crianças, sendo capaz de transformar a prática pedagógica (SOARES, 2006).

Alfabetizar e letrar são processos contínuos, uma vez que a aprendizagem é dinâmica, devido às transformações constantes que vêm ocorrendo na sociedade atual

em seus contextos culturais e sociais. No pensamento de Soares (2006, p. 47), “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.

Tfouni (1995) compreende a alfabetização letrada como o processo de alfabetização que se coloca como pano de fundo do letramento. Isso significa inserir, num contexto específico, diversificadas práticas de leitura e escrita do cotidiano. O grande desafio está na busca de novas perspectivas com base nessas modificações, não apenas aproximando a prática desses contextos, mas potencializando uma nova cultura que (re)produza novos processos, visando à vinculação da teoria e da prática, possibilitando novas metodologias para o saber fazer na prática pedagógica.

Nesse contexto, os professores devem vincular e aumentar as experiências que os alunos vivenciam em sala de aula, por meio de novos saberes e práticas pedagógicas alfabetizadoras, dando oportunidade a eles de ler e escrever com propriedade, fazendo uso desses conhecimentos com autonomia, tanto em suas atividades em sala de aula quanto nas relações sociais, para que futuramente alcancem a emancipação e transformação como cidadãos.

Alfabetizar letrando implica, ainda, uma opção política, levando em consideração que o sentido dado à palavra imprime a possibilidade de uma transformação da realidade, notadamente pelo direito de todos os indivíduos à apropriação da escrita como um bem cultural. Segundo Descardecí (2002, p. 46), ser letrado numa sociedade letrada “é essencial para que se possa participar ativamente da política, da tecnologia, da mídia; para que se possa ter acesso ao poder”.

O educador, portanto, tem uma função muito relevante a realizar para que esse pensar crítico se desenvolva em seus educandos. De acordo com Freire (1996, p. 14), “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Ainda, consoante Soares (2004, p. 13), a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja,

por intermédio de atividades de letramento; “este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização”.

Entendemos que alfabetizar letrando é uma prática essencial na sociedade grafocêntrica, para que se possa atingir a educação de qualidade e produzir um ensino em que os alunos não sejam apenas receptores de conhecimentos prontos e acabados, mas se tornem seres comunicantes, pensantes e transformadores da sociedade em que vivem.

Práticas pedagógicas que conciliam alfabetização e letramento

Um ponto primordial ao se tratar de prática pedagógica é reconhecer que os educandos já possuem conhecimentos prévios; assim, é relevante que os educadores façam um diagnóstico inicial do conhecimento de seus alunos, para saber de onde devem partir e planejar suas aulas. Entendemos ainda que, a partir da prática social, o conteúdo terá sentido para os educandos, que irão (re)construir conhecimentos gradativamente e desenvolver uma atitude transformadora da sociedade, pois perceberão que o conhecimento científico faz parte da sua vida e pode contribuir para melhorá-la.

Assim, as práticas devem promover a alfabetização e o letramento de cada indivíduo, de forma que o ensino do código alfabético seja conciliado com o seu uso social em várias ocasiões, podendo o sujeito ser autor de sua própria vida e transformações. A escola, nesse contexto, deve ser um ambiente que suscite reflexões e inquietações, favorável para um constante movimento de ideias, com trocas e conhecimentos, promovendo o crescimento intelectual, cultural e pessoal dos sujeitos. Para isso, faz-se necessário que as proposições e práticas sejam contextualizadas com a prática social, colaborando para o aumento do desempenho escolar dos alunos.

De fato, o ambiente escolar é o lugar onde se ensina e também se aprende quais são as melhores escolhas a ser feitas para viver em sociedade; dessa forma, será melhor se formar mais cedo – e de modo mais eficiente – indivíduos alfabetizados e letrados. É necessário, portanto, deslocar o olhar das práticas pedagógicas da mera codificação e

decodificação individual e entendê-las como uma prática social mais abrangente, existente no contexto histórico da sociedade atual.

É relevante desenvolver práticas que considerem as especificidades e singularidades dos povos do campo, oferecendo aos alunos conteúdos produzidos socialmente partindo das experiências que vivenciam nos contextos culturais, com possibilidade de condições de vida no próprio lugar onde moram, tendo em vista que, para pensarmos a vida no campo, necessitamos pensar a relação entre o campo e a cidade na perspectiva do modelo capitalista de desenvolvimento em curso no país (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

Quando defendemos que a alfabetização deve acontecer em contextos de letramento, isso não significa criar um novo método de alfabetizar os alunos. Espera-se do educador uma maior reflexão da própria prática, pois, tendo consciência da metodologia utilizada (educação e letramento como prática social), pode-se esperar um ensino de qualidade, capaz de preparar o sujeito para interpretar e agir na sociedade.

Um caminho que o professor poderá seguir é a utilização dos gêneros textuais, sendo uma metodologia apropriada para atingir os dois aspectos da aprendizagem da língua escrita, pois fazer com que o educando seja alfabetizado e letrado resulta da contextualização que o indivíduo faz dos usos da escrita em suas diversas situações do dia a dia. Por isso, a prática pedagógica na perspectiva do letramento deve demonstrar a relevância do trabalho com diferentes gêneros textuais, baseando-se em diversificados suportes de leitura, com o objetivo de fazer com que o educando perceba as inúmeras maneiras de utilizar a escrita para vários objetivos, partindo de situações de letramento que estão no seu próprio cotidiano.

Para muitos alunos, o convívio e o acesso a textos escritos são coisas comuns, de modo que, ao ingressarem na escola, a leitura, a escrita e as tarefas típicas do âmbito escolar lhes são familiares e pertinentes. No entanto, para outros, ler e escrever são atividades pouco presentes em seu dia a dia. Para eles, a possibilidade de ampliar o grau de letramento, por meio da convivência com o material escrito, é algo a ser realizado pela

instituição escolar. Nesse sentido, afirmamos que a escola necessita garantir a todos os educandos a vivência de práticas reais de leitura e produção diversificada diariamente.

Considerações preliminares

Neste texto, não tivemos a intenção de apresentar discussões conclusivas acerca da temática abordada, pois a pesquisa está em andamento. Pretendeu-se fomentar a reflexão sobre a prática pedagógica, ressaltando a relevância de uma ação crítico-reflexiva que deve permear o fazer pedagógico diário, considerando a concepção sobre o indivíduo que se deseja formar e as questões teórico-metodológicas em torno da alfabetização e do letramento, com vistas a uma aprendizagem significativa.

A partir do envolvimento dos pesquisadores nessa escola, começa haver interesse dos professores e pedagogos para repensar e discutir práticas na perspectiva do letramento e alfabetização, valorizando os sujeitos do campo.

Coadunando com Freire (1996, p. 79), é possível mudar, sim: “[...] é preciso mudar, [...] preservar situações concretas de miséria é uma imoralidade. É assim que este saber que a história vem comprovando se erige em princípio de ação e abre caminho à constituição, na prática, de outros saberes indispensáveis”.

Referências

ARROYO, M. G. A Educação Básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 65-86.

DESCARDECI, M. A. A de S. **Pedagogia e letramento**: questões para o ensino da língua materna. In *Pedagogia em debate*. Curitiba, Paraná: Universidade Tuiuti do Paraná, 2002, p. 41 – 48.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a uma prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: As muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

_____, M. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2006. 128p, Reimpressão.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização.** São Paulo, Editora Cortez, 1995.